

ANO XXVII

9471

1969

Preço 1\$00

# DIÁRIO POPULAR

LISBOA

Sábado

1

Março

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Sede: Rua Luz Soriano, 67 — Telef. 328291/5 (P. P. C. A.) — 328296-34630-34639 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

## O SISMO ATINGIU PRINCIPALMENTE AS CHAMINÉS DE LISBOA

A pouco e pouco Lisboa retoma a sua fisionomia habitual. As horas amargas que a população viveu na madrugada de quinta para sexta-feira, começam a passar para um plano mais distante. Ainda há rostos contraídos, semblantes pesados, mas pode dizer-se que se «descomprimiu» o ambiente e que está quase debelado o estado emocional causado em toda a gente pelo abalo telúrico. A noite passada, pessoas mais sensíveis ao choque preferiram dormir dentro dos automóveis, enquanto outros

dormiram vestidos, O medo de que o tremor de terra se repetisse ao fim de 24 horas, obrigou a população a repousar em sobressalto.

Entre as 6 horas e o meio-dia os Sapadores Bombeiros ainda receberam cerca de 300 chamadas para acorrerem a situações não alarmantes, mas perigosas.

(Mais noticiário nas páginas 7, 9, 12 e 19)

### Quinze pequenos sismos desde ontem às 11 horas

O Instituto Geofísico da Universidade do Porto concluiu hoje os cálculos dos sismos, num total de quinze, registados desde as 11 horas da manhã de ontem. Trata-se de abalos de pequena intensidade cujo grau não foi possível determinar. Três destes sismos foram cronometrados hoje às 2 h., 51 m. e 51 s., 2 h., 57 m. e 58 s., e às 8 h., 48 m. e 45 s.

Hoje: 44 páginas



Chegou a hora das reparações: operários da construção civil colocam uma lona a tapar um rombo aberto num telhado por uma chaminé que se desmoronou

«DIÁRIO POPULAR»

### MAIS UM ÊXITO

Quatro tiragens (a primeira das quais em circulação pouco depois do meio-dia) fez ontem o «Diário Popular», relatando, pormenorizadamente, com ampla documentação fotográfica, o que foi a dramática madrugada do último dia de Fevereiro. Muitos milhares de exemplares foram distribuídos e vendidos em Lisboa e em todos os pontos do País, fornecendo, aos nossos leitores, informações completas e rigorosas das consequências do violento abalo telúrico. Uma vez mais, no cumprimento da tradição que tem consagrado o prestígio do «Diário Popular» junto do público, averbámos um êxito jornalístico. Salientamos, também, que isso foi devido ao facto de, minutos, depois de o sismo se registar, redactores, repórteres e repórteres-fotográficos, se terem dirigido ao jornal, permitindo o imediato funcionamento da complexa organização da reportagem. Também os quadros técnicos do «Diário Popular», num esforço admirável, estiveram, de novo, à altura da esgotante tarefa que se lhes exigiu. Quatro tiragens e um grande êxito. Um trabalho de muitas horas, um trabalho intenso, enervante, inteiramente dedicado aos milhares de leitores que, desde sempre, nos têm acompanhado e prestigiado.

### ESTE HOMEM NAVEGOU NA ZONA DO EPICENTRO



(Ler na página 12)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## O RENASCER DA ESPERANÇA

Não foi tranquilo o sono de muita gente. Pressas a obscuras reminiscências, inquietas pelo fantasma do medo, apossadas de receios, com o temor da repetição do sismo, muitas pessoas viveram, esta última madrugada, horas expectantes de ansiedade.

Centenas de pessoas decidiram dormir ao relento ou no interior de automóveis, em locais abertos, de espaço livre. Ao que parece, um boato tão inconsistente como

criminoso foi posto a correr: vinte e quatro horas seria o período de tempo durante o qual novo tremor se registaria em terra portuguesa. E o sombrio espectro de uma morte imaginária e terrível impôs-se à razão. E o medo espalhou-se em milhares de lares. Uma romaria assustada começou a mover-se, logo ao prin-

### O PRESIDENTE DO CONSELHO VISITA O HOSPITAL DE S. JOSÉ

(Ler na página 24)

cípio da noite de ontem. Dos bairros populares, das zonas a que a imaginação do público conferia gravidade mais decisiva verificou-se o êxodo. E foi uma noite branca a juntar-se à noite escura do pânico. Nada, felizmente, sucedeu. Em consciência, em termos científicos, ninguém podia (ninguém pode) prever as agitações da Terra.

O desconhecimento de uma realidade que, por terrível, pode aniquilar milhares ou milhões de pessoas não deverá nunca provocar a criação e o estímulo de opiniões precipitadas, de boatos sinistros e repelentes. Que há a fazer? Repelir as cavilosas intenções de boateiros e enfrentar a verdade. Ora, perante a verdade

de aquilo que sabemos, o caminho a escolher é o de a esperança. Esperança na Vida, no ritual diário do trabalho, na dádiva generosa e honrada do nosso próprio tempo ao tempo que a sociedade e

os homens nos solicitam. Hoje, é um outro dia. Um dia pleno de sol. A madrugada do pânico, à noite branca da angústia — o renascer da nossa eterna caminhada. Leitores: bom-dia!

— TEM UM NEGÓCIO EM PERSPECTIVA?  
— QUER COMPRAR ALGO PARA SUA CASA?

O ANÚNCIO CLASSIFICADO ALÉM DE O AJUDAR A RESOLVER ESSES PROBLEMAS AINDA LHE OFERECE A POSSIBILIDADE DE OBTER GRATUITAMENTE UM BELO «AUSTIN 1300»

(VER NOTICIÁRIO NA PÁG. 17)

Revista seu interesse veja o ANÚNCIO CLASSIFICADO na página 18

# DOCUMENTO O TREMOR DE TERRA TESTEMUNHADO PELAS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PRIMÁRIA

O tremor de terra que ontem se fez sentir em todo o País não provocou o pânico, apenas, entre muitos milhares de adultos. Também as crianças se aperceberam do perigo, também elas experimentaram — e, por vezes, com que violência — o medo.

Transportadas ao colo para as ruas, entre os gritos de pavor e os gestos frenéticos dos seus familiares, muitas terão sido atingidas, contagiosamente, pelo sofrimento dos adultos. Outras, nos seus pequenos leitos, terão continuado, numa paz perfeita, o seu sono de crianças felizes.

Fazer a história quotidiana a que um jornal se consagra é, também, descrever e documentar as reacções de uma população aos acontecimentos que a afectam. Quando nessa população quisermos saber o que pensam — ou sentem — as crianças, necessário se torna descobrir um método específico, que ofereça a possibilidade de encontrar respostas marcadas pela autenticidade e pela veracidade.

Ontem, alguém tomou a iniciativa de apresentar as suas alunas de oito e nove anos, da 3.ª classe de uma escola primária da capital, um tema de redacção um pouco inesperado: «O tremor de terra».

As meninas acabavam de passar, quase todas, uma noite acidentada, o caminho para as aulas foi feito, ainda, debaixo da recordação da inesquecível experiência em que participaram. Aqui deixamos alguns dos textos recolhidos, para que o leitor possa dar-se conta da verdadeira dimensão, que o testemunho de uma criança pode adquirir no mundo — de adultos — em que vivemos.

### Era uma vez...

«Era uma vez um senhor que estava na rua quando gritou. O meu prédio parecia que estava a cair. A minha cama não abanou. A cama da minha mãe parecia um berço. Eu estava a tremer com frio. Eu estava cheia de medo do tremor de terra. A minha tia fugiu de casa. Eu não queria ir para o quarto. Eu tinha medo de ir para a minha cama, tinha medo que vieses outro. Eu cá não queria andar na rua. Eu tenho muito medo do tremor de terra.» — (Maria Manuela dos Santos Martins).

### No zigzague

«Hoje houve um tremor de terra. A minha casa abanou, os copos caíram, daí a um bocado caiu o armário. Acordei com o estroendo queria passar e não podia. Mal pus o pé em cima do armário senti-me ir abaixo. O meu pai acordou, vinha a passar e caiu no armário. Foi para a rua, o chão estava no zigzague. Eu estava na cama e sonhei que estavam duas lagartixas a passar pelo contador da electricidade. Fugi para a cama da minha avó até agora. Fui dormir e acordei bem disposta.» — (Maria Júlia de Teles de Meneses Nogueira).

### Julgava que eram ladrões

«As casas abanavam. E eu e a minha mãe cheias de medo, porque o meu pai estava a trabalhar. Eu ia desmaiando com

medo e a minha mãe estava aflita. No trabalho do meu pai caiu o telhado e os homens iam morrendo todos se não fossem a fugir. Na minha casa caiu o gira-discos para o chão, o candeeiro partiu-se. A minha cama e a cama da minha mãe tremiam. E as chávenas da minha tia caíram todas para o chão. E depois quando acabou o tremor de terra, o meu tio disse para a minha mãe: — Assustaste-te?

— Pois assustei-me porque julgava que eram os ladrões a empurrar as tábuas.» — (Maria de Lurdes dos Santos).

### A cama da minha mãe

«A minha casa estava a abanar e eu tive muito medo.

O meu pai julgava que era a minha mãe a mexer-se então o meu pai acordou e então é que vii que era tremor de terra.

Eu desmaiei ao colo da minha mãe.

Eu tive de pedir à minha mãe se ela me deixava ir para a cama dela e então eu fui para o pé da minha mãe. Então, quando veio o maior, eu mais a minha mãe e o meu pai fomos para a rua.» — (Noémia Flores Tomé).

### Que nunca tinha visto

«Eu estava a dormir quando o tremor de terra começou. O meu pai vestiu-se e foi para a rua. E depois veio a casa. Chamar a minha mãe e a minha irmã e a mim. E mandou-nos vestir. E quando ia para sair fui vomitar e quando acabei de vomitar caí nos braços da minha mãe. E depois fomos embora para o pé do aeroporto. E aí estivemos até que o tremor de terra se acabou. Eu tive muito medo do tremor de

terra. Que nunca tinha visto um tremor de terra.» — (Zélia Maria Matos da Silva).

### O que devemos fazer

«O tremor de terra faz com que as casas abanem. O tremor de terra não é bom, porque faz com que as pessoas morram. O tremor de terra assusta o público. O tremor de terra faz o povo perder o lar e a vida. Quando há tremor devemos logo chamar os bombeiros. Quando a terra treme nós devemos embrulhar-nos em coisas de lã ou de flanela. Quando a terra treme não devemos estar ao pé dos metais nem debaixo das árvores.» — (Maria de Fátima Gouveia Pinto Ferreira).

### Tinha medo de falar

«Quando o tremor de terra veio eu fiquei muito assustada com ele e julgava que fosse a minha irmã que tivesse estremecido a cama. Mas depois é que vi que não era ela e perguntei-lhe o que era aquilo e ela disse-me que era um tremor de terra. E eu disse-lhe para ela chamar a minha mãe mas ela disse que tinha medo e não foi. Depois de ter passado o tremor de terra ela foi chamar a minha mãe, a minha irmã contou-lhe tudo como se tinha passado e a minha mãe disse-lhe porque é que ela não foi lá ao quarto dizer que tinha medo.»

— Pois se eu não tivesse medo ia lá mas eu tinha medo por isso é que cá não vim.

— Chamavas do teu quarto.

— Mas eu é que tinha medo de falar.

— Dizias à tua irmã para dizer.

— Eu também lhe disse mas ela disse que também tinha medo.» — (Delmira da Costa Dias).

### Ninguém morava lá

«De noite veio um tremor de terra muito forte que levantou a minha barraca. Levantou as camas e esteve muito tempo a abanar as camas e a barraca.

A minha mãe estava com medo que a barraca caísse abaixo.

Estava lá uma barraca dum vizinho minha e caiu abaixo. Não morava lá gente nenhuma.»

(Dulce da Conceição Carvalho)

### Nadíssima

«Alguns tremores de terra são muito fortes. Não gosto

nadíssima deles, porque fazem as casas e os prédios tremer e destroem as coisas.

Quando há um tremor de terra anda tudo em volta, por isso não é agradável.

Há pessoas que começam a chorar sem saberem o que de-

Em Marrocos houve um tremor de terra abateram casas etc. E nos Açores a mesma coisa. Os tremores de terra são muito perigosos etc.

(Emília Fernanda Ribeiro Azevedo)

### Tenham calma

«Na minha casa estavam todos a dormir quando veio um tremor de terra e começou a abanar tudo. Então a minha

## O SISMO VIVIDO NO SUBSOLO POR UM GRUPO DE OPERÁRIOS

Momentos de indescritível pavor foram vividos pelos operários que no momento do sismo trabalhavam nas obras de abertura de um túnel entre a avenida dos Estados Unidos da América (praceta) e o Campo Grande.

Os trabalhos, que decorreram desde há meses em turnos ininterruptos, destinam-se, conforme oportunamente anunciamos, à colocação de um sistema de esgotos destinado, essencialmente, a solucionar o problema das cheias que se registam, todos os anos, na zona de Entrecampos.

A alguns metros de profundidade trabalhava uma brigada de operários quando se deu o abalo. Tomados de pânico, os homens, segundo nos declarou um deles, ouviram um barulho tremendo, ao mesmo tempo que o terreno se movia sob os seus pés.

— Pensámos que tudo aquilo ia desabar em cima de nós!

O primeiro, e natural, impulso dos operários foi dirigirem-se para um dos extremos das obras e subirem as escadas que conduzem ao exterior, na avenida dos Estados Unidos. Muitos deles fugiram, depois, para longe, só então tomando consciência do fenómeno que acabava de registar-se.

— Nunca mais esqueceremos este abalo vivido debaixo da terra!

vem fazer. Há pessoas que vão para o hospital feridas e nervosas».

(Maria de Aires Gameiro Militão)

### Etc.

«Esta noite houve um grande tremor de terra. Na minha casa graças a Deus não houve nenhum azar, apenas abanaram as paredes e tremeram as camas.

Na minha terra caiu uma casa e muitas árvores.

mãe levantou-se e foi ver o que era mas eu durmo num beliche e o beliche começou a abanar todo e eu caí do beliche abaixo. Então eu pus-me de pé e fui ter com a minha mãe.

O meu prédio abanava muito e a minha mãe pensou que iam todos morrer. Mas o meu tio estava lá em casa e disse assim: tenham calma!

Todas as pessoas do meu prédio foram-se embora para os campos, só fiquei eu e o quinto andar.

Depois deste passar veio outro, mas este veio mais devagar e passou logo e eu depois já pude adormecer um pouco.»

(Ana Maria Pinto Branquinho)

Inclua R & T nas suas campanhas de publicidade

## ANDARES

Vendem-se em prédio de 3.º andar, c/ 5 casas assoalhadas, coz., desp., 2 casas de banho, terraço, etc. Em muito bom local, junto de todos os transportes. Mostram-se todos os dias no local, Rua de S. Domingos de Benfica, n.º 11, junto ao Jardim Zoológico e trata na Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telef. 536111/2/3 — LISBOA.

## EMPRESTAM-SE 10.000 CONTOS

Sobre Propriedades coloca, mesmo em fracções A PREDIAL TOMARENSE

AV. ALMIRANTE REIS, 186-r/c-Dr.º TELEFS.: 55 65 77 - 55 63 81

## ANDARES ALVALADE

Vendem-se em imponente gaveto, 8 assoalh., 3 W. C., roupeiros, varandas, etc. Constr. de 1.ª e acab. esmerados. Preço 1200 c. Ver na R. Eugénio de Castro Rodrigues, n.º 1, frente Liceu Padre Ant. Vieira

## MEDO DE FIM

Um medo terrível. Medo de fim. Saltei fora da cama a tremer, um tremor de bicho, bêbedo, sem nexo, o solavanco da terra continuava em mim, não era sonho nem sonambulismo, era mesmo o mundo cheio

aos ombros, cães aflitos pela tremela, ruído dentro de bichos sem Deus, siga por aqui abaixo, vou à Esperança, pelo menos no nome. Grupos fechados de calhaus em cima de carros, o chafariz altivo, Madragoa cá

Por RUBEN ANDRESEN LEITÃO

de cólicas, abrindo as entranhas não sabia onde, longe, continuava, barulho de barulho, os segundos continuavam segundos, amontoavam-se em minutos, um medo de rachar, de não saber saltar para fora, descontrolo, alucinado, sem fim, com Deus e o Diabo lá dentro. Fui corredor fora, lusca do tremor, seria mesmo um terramoto? Onde? Como? Já, iminência à morte, ali a dois passos, consciente, aberta na impotência de vir assim mesmo. Pronto mais, e agora quanto durará? Mais uns momentos, intensa intensidade, coisa de noite em monte calvo, os alicerces rangiam, raízes de queixais que não querem saltar para fora, aguentam firme. A terra não quer acabar, quer vida, luta de contrários, suspenso o movimento, agachado, mergulhado em pânico, medo de rilbar, corpo à deriva, à espera, medo que deslumbre de incerteza. Passa não passa? Para não para, eu acolhido a um mim, a um eu sem lógica, sem programa, um eu acordado fora de boras, ouvindo a terra, sem perceber o que se estava a conversar lá dentro. Encostei-me à parede, no vão que não existia. Saltei de medo para acender uma vela, pavor de um raio que não encontrava o fósforo, mergulhei na escuridão com o coto aceso.

Rua comigo. Meto no carro, frente de casa os primeiros fantasmas, grupos vestidos de fantasmas, juntos homens de saias, mulheres de calças, crianças

fora, tudo na rua, Trinas por acaso, os vizinhos dos vizinhos falam, restos de pijama, barba que ainda não é barba, conforto do desconforto dos que esperaram a morte de sobresalto, pelas quatro da manhã quando já não se velam cadáveres. Subo à Lapa, meto por aqui nos jardins apinhados de gente que não morreu, que está tão viva que parece morta. Aparece mesmo um grupo de panheiros. Rapazes novos a dançar um xé-yé, começou tudo perto do forno, ao ritmo de uma loucura que não percebiam, eles continuavam a dançar, salto mais uma galgadas, o pânico às janelas mantém-se alerta, no chão minidestrosos de uma tragédia que foi o medo, o pavor, o terror, eu já vou menos alucinado, avanço pela Baixa, meia dúzia de calhaus, pouca gente, carros que às vezes são de bombeiros, salto com mais vigor, rua de S. José depois de um Rossio sem precedentes, grande multidão frente ao palácio da Independência. Os espanhóis não foram, aguentaram ali firme os que seguiam sem tino pela madrugada dentro. Um conta que o rio — a que chama mar — deu um urro para o lado de Santa Apolónia, subiu o rio das águas, saltou do alto e mergulhou outra vez. Pálido, eu e ele, pálidos os fantasmas encostados a uma Lisboa sinistra, a uma Lisboa sem luz, amputada aonde? Quem? O que aconteceu? Na divagação de bairro a peregrinação vai para a frente, sempre com medo, um medo que volta, que dá a nada a morte esteja outra vez a abanar os alicerces desta coisa mostra de cidade, convites, sem pobres nem ricos na lista, o que vier para um terramoto é dia em cheio para o Diabo. Medo, medo terrível, de fim, medo encolhido, sem controle de Nada. Quando acaba? Quando começa? Volto a casa, os fantasmas vestidos mesmo na loucura do medo aguardam o começo dos boatos e das notícias de vida.

# À IMAGEM DE 1755

# LISBOETAS REFUGIARAM-SE NO TERREIRO DO PAÇO

# OFERECENDO-SE AO RISCO DE PERECER AFOGADOS

Que o nosso país está localizado numa zona geográfica de grande intensidade sísmica, é um facto que ninguém procura minimizar ou simplesmente esquecer. Ao longo de vários séculos, quatro ou cinco tremores de terra destrutivos lançaram a catástrofe não apenas sobre Lisboa, mas igualmente sobre uma parte considerável do País, e a sucessão dos abalos sísmológicos de pequena importância sentidos em Portugal — centenas ao longo dos últimos cem anos — deve dar-nos, à Nação que somos nós todos, a consciência de um perigo que, se não é iminente, é no entanto quase certo. Quando, ontem ainda, falávamos com um técnico sobre a possibilidade de uma catástrofe sísmológica na nossa época, respondia-nos ele singelamente: «Tanto pode surgir amanhã como dentro de anos» — afirmação que, se não prima pelo rigor científico, nos dá, porém, a certeza da sujeição em que se encontra a nossa zona geográfica relativamente aos tremores de terra.

## EXACTAMENTE COMO HÁ DOIS SÉCULOS

Mas ocorre, de forma bem paradoxal, que a nossa população é precisamente a mais ignorante dos perigos a que se encontra naturalmente sujeita das precauções que deveria tomar em caso de abalo sísmico como o da madrugada de ontem, das formas de evitar o pânico que sempre surge em ocasiões semelhantes, etc. Lembremos apenas, por exemplo, que, exactamente como há duzentos anos, por ocasião do terramoto de 1755, parte da população de Lisboa voltou agora a refugiar-se no Terreiro do Paço, onde o mar poderia, como há dois séculos, roubar a vida a centenas ou milhares de pessoas. Apesar de uma experiência sísmológica de vários séculos, apesar de uma época que obriga ao conhecimento, as pessoas não sabiam ainda que deviam evitar a proximidade do mar. Da mesma forma que não conhecem o comportamento mais elementar a adoptar a partir do momento em que começa a fazer-se sentir o sismo, momento esse em que a intensidade e a duração do abalo são ainda imprevisíveis.

As pessoas não sabem, as pessoas não conhecem, as pessoas são em absoluto ignorantes de um aspecto importante das suas vidas, tão importante que o desconhecimento ou a desorientação podem ser fatais no momento em que surgir a possível tragédia. Aliás

na madrugada de ontem, ao surpreendermos indesejáveis cenas de pânico e comportamentos de todo desordenados, perguntámos por várias vezes a nós próprios, com um sentimento de verdadeiro horror: «Que aconteceria em Lisboa se o sismo se tornasse destrutivo? Como reagiriam as pessoas perante uma coisa que desconhecem em absoluto e que só lhes inspira o mais elementar terror?»

Existe, assim, como que uma espécie de cortina de silêncio em torno de um fenómeno natural cuja aprendizagem deveria principiar nos bancos de escola. É verdade que todos nós aprendemos na escola primária a definição do sismo e a sua escala de valores destrutivos — mas é bem certo que o aprendemos como se estivessem a falar-nos de coisa terrível que poderia acontecer em planeta distante. Ora nós sabemos hoje que os países naturais cuja aprendizagem deve ser dada dos sismos são aqueles que caminham na vanguarda do conhecimento da natureza desses fenómenos. Das camadas jovens cedo consciencializadas de um ramo da ciência que directamente as afecta, saem continuamente os futuros cientistas que aperfeiçoarão o conhecimento dos fenómenos. E tudo isto, escusado será dizê-lo, a bem de um interesse que não é unicamente do seu próprio país, mas que é comum, por resultar na protecção de toda a humanidade. Aliás, lembremos apenas a tí-

tulo de curiosidade, ainda há poucos dias o Laboratório Nacional de Engenharia Civil recebeu as mais recentes cartas sísmológicas da zona geográfica que nos diz respeito.

tão dependentes o estudo e a análise dos problemas ligados aos fenómenos sísmológicos, que têm a responsabilidade de informar a população, que deviam caminhar na vanguarda

antiquado e caduco (à parte o moderno elevador), onde toda a gente, jovens e velhos, nos dá a sensação de estar paulatinamente à espera do próximo sismo...

Perdoem-nos os leitores o que poderá, porventura, parecer irreverência. Mas que pensar de um instituto científico onde o melhor sísmógrafo, e o mais moderno daquela estabelecimento — conta apenas cinquenta anos de funciona-

conta dos estudos levados a efeito nesse sentido, definindo os diversos objectivos a alcançar para se atingir tal desiderato. Reconhecendo embora a dificuldade do problema, ele referia — e de uma forma que deve constituir esperança para a Humanidade — as fases que é preciso vencer para uma previsão quase absoluta do tempo e do lugar onde se verificarão os tremores destrutivos. É preciso analisar os pro-



Um dos sísmógrafos do Instituto de D. Luís, avariou-se aos primeiros segundos do sismo, tornando impossível uma análise do fenómeno com a urgência que se exigia

Aliás, ao falarmos da ignorância e impreparação do nosso povo para enfrentar um perigo que paira mesmo à sua porta lembramos com certa tristeza os serviços oficiais de que es-

do conhecimento — para já não dizer da investigação — das mais recentes descobertas da sísmologia em todo o Mundo. O que acontece, muito ao contrário, é que ao entrarmos no Instituto Geofísico de D. Luís, instalado na Faculdade de Ciências, nos sentimos no ambiente de um museu, algo

mento... — ficou inutilizado logo nos primeiros segundos do sismo, impedindo-nos assim de conhecer a estrutura exacta do fenómeno? Lembremo-nos, aliás, de que desde muito novos nos habituámos a ouvir que os sísmógrafos — pelo menos em Portugal — rebentavam sempre que havia um sismo um bocadinho mais forte. Como se a obrigação de tal aparelho fosse a de rebentar. Como se essa fosse a principal característica de tal aparelho. Acontecerá o mesmo nos observatórios de todo o Mundo?

Mas se fizermos comparações, veremos ainda melhor como é tremendo e quase intransponível — o aquase representa a última parcela do nosso abalado optimismo — o fosso aberto entre o nosso primitivismo que continua a pensar em termos sísmológicos de 1755, e as modernas conquistas da ciência nesse ramo tão decisivo para o nosso País.

## UMA TAREFA DIFÍCIL

Lembremos, ainda e sempre como exemplo, os estudos que já se fazem, sobretudo no Japão e na U. R. S. S., no sentido de se atingir o objectivo ideal de previsão dos sismos. Não há muito tempo, numa reunião científica realizada na Suíça, um cientista russo dava

esses de transformação físico-químicos dos materiais do interior do Globo e a acumulação de tensões, o que obriga a um esquema de observações no que respeita às deformações na crosta terrestre e às variações dos parâmetros físicos, designadamente a velocidade de propagação das ondas sísmicas.

É uma tarefa difícil, sem dúvida, mas que o homem realizará. Em relação a essas conquistas, o nosso país encontra-se na quase total dependência de quanto se descubra lá fora. E no entanto possível — o contrário seria transformar a inércia em crime — preparar a população e, sobretudo, rever todas as concepções urbanísticas de uma cidade como Lisboa, que não foi feita para sofrer abalos. A ameaça da madrugada de ontem foi bastante, assim o cremos, para apontar o caminho mais honesto e responsável.

## O SISMO DAS CELEBES CAUSOU 60 MORTES

DJACARTA, 1 — O tremor de terra verificou-se na cidade de Madjene, no domingo passado, fez 60 mortos — anunciou o Ministério dos Assuntos Sociais.

A cidade fica no centro das Celebes.

O abalo telúrico foi precedido de estrondos, como os de um canhão, e provocou escorregamentos importantes de terras.

O mar destruiu todas as barracas dos pescadores nas praias de Madjene. — (F. P.)

## RASTREIOS DA TUBERCULOSE NA UNIVERSIDADE

Durante o corrente mês na sede dos Serviços Médico-Sociais Universitários efectuam-se os rastreios da tuberculose dos alunos do Instituto Superior Técnico, em harmonia com o seguinte calendário:

Hoje, alunos n.ºs 11579 a 12558; dia 3, alunos n.ºs 11180 a 11578; dia 4, alunos n.ºs 10694 a 11129; dia 5, alunos n.ºs 10078 a 10693; dia 6, alunos n.ºs 9334 a 10078; dia 7, alunos n.ºs 8502 a 9333; dia 8, alunos n.ºs 7495 a 8501; dia 10, alunos n.ºs 647 a 7495.

## MARROCOS

# ALDEIAS SUBMERSAS PELAS CHEIAS

RABAT, 1 — Depois do abalo de terra que sacudiu, ontem, a quase totalidade

do território marroquino, causando dois mortos e oito feridos, em Sale, as chuvas torrenciais em todo o país ameaçam, agora, fazer novas vítimas.

Engrossados pelas chuvas, alguns cursos de água inundaram várias cidades e aldeias.

Na região de Doukkala, 120 quilómetros ao sul de Casablanca, campos cultivados foram prejudicados por desabamentos e desprendimentos de terras. Três aldeias ficaram submersas.

Em Sale, o rio Bouregreg, que também passa por Rabat, causou a derrocada de um edifício, cujos locatários tinham sido evacuados.

Em Kenitra, várias estradas foram cortadas e há 100 mil hectares de culturas sob as águas.

A 120 quilómetros a nordeste de Rabat, 39 casas foram levadas pela torrente. Várias aldeias da região encontram-se isoladas.

No Médio-Atlas 95 casas estão submersas. Não há notícia de vítimas entre as 200 famílias evacuadas. — (F. P.)

**AlugueComprando**

**Alugue TV**

**AlugueTeVex**

Porque é que V. compra televisor, podendo alugar um com garantia por 5 anos, que depois é mesmo seu? Peça-nos informações pelo telefone 2474567 ou escreva-nos:

**alugueTeVex S.A.R.L.**  
Av. do Loureiro, 15 — Carcavelos

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIGES DA «P. A.»

**CONCORDAMOS QUE TODO O CAFE SEJA BOM SÓ QUE ALGUM É MELHOR**

**SICAL!**

# O TRÁFEGO TELEFÓNICO A CAMINHO DA NORMALIZAÇÃO

A situação das comunicações telefónicas está quase normalizada, segundo nos afirmaram, hoje, os técnicos da empresa Telefones de Lisboa e Porto, que não consideram necessário repetir o apelo feito, ontem, à noite, à população, através da Rádio e da TV, para utilizar o telefone só em casos de estrita necessidade.

O tráfego telefónico, computado pelos valores de descarga das baterias que alimentam as estações, já esta manhã se aproximava dos valores normais e raramente dos máximos de ponta do ano de 1968. Para isso contribuiu não só o

apaziguamento dos espíritos como o próprio facto de muitas empresas encerrarem os seus serviços ao sábado.

## Não houve avarias, mas congestionamentos

Segundo averiguámos junto dos serviços técnicos da Telefones de Lisboa e Porto o abalo sísmico não provocou avarias. O que se verificou foi um extraordinário congestionamento de tráfego, a que a capacidade das linhas e das estações não poderia responder. Em vez da média de 1500 reclamações por avaria, a companhia atendeu, ontem, cerca de 6000. Verificou-se, no entanto, que cerca de 90 por cento dessas reclamações eram relativas a impossibilidade de ligação por falta de disponibilidade de linhas, caso em que os telefones não dão qualquer sinal.

Segundo informação dos C. T. T., as comunicações telefónicas interurbanas ainda se encontravam, esta manhã, um pouco perturbadas, por congestionamento de tráfego para todas as regiões do País. Não houve, no entanto, qualquer avaria nas linhas, por causa do abalo sísmico.

## BOMBEIROS de prevenção no Aeroporto

No aeroporto da Portela de Sacavém, os bombeiros privados da aerogare estiveram de prevenção durante 24 horas, na previsão de que o sismo pudesse repetir-se.

Só esta manhã a prevenção foi levantada, pois os peritos em sismologia não creem em qualquer repetição do sinistro.

# A HORA DAS REPARAÇÕES DE ESTRAGOS CAUSADOS PELO SISMO

Entre as 6 horas da manhã de hoje e o meio-dia os Sapadores Bombeiros ainda receberam trinta chamadas de pessoas aflitas que pediram a sua comparência, na maioria dos casos para inspecionarem chaminés tombadas sobre os telhados.

O telefonista de serviço disse-nos:

— O telefone ainda não parou. Não há casos graves nem qualquer prédio a ameaçar ruína. Mas não param de pedir a nossa comparência por causa de chaminés atingidas pelo sismo.

Os bombeiros inspecionam os pontos atingidos e, depois, intimam os senhores a efectuar as devidas reparações.

## Trânsito cortado no Rossio

O caso mais sério verificado esta manhã refere-se ao Hotel Francfort, do Rossio, cuja chaminé ameaça ruir a todo o momento. Os bombeiros pediram a comparência da Polícia, para isolar o passeio e a rua da presença de transeuntes e automóveis, ao mesmo tempo que téc-

# Noticias da Capital e Provincia

## UM NAVIO NA ZONA DO EPICENTRO

# A LUA MUDOU DE COR E TODOS SALTÁVAMOS COMO SE FÔSSEMOS DE BORRACHA — DIZ-NOS O PILOTO DO «MANUEL ALFREDO»

— Era uma hora e quarenta e três minutos a bordo. Eu estava aqui, na ponte, a fazer o «quarto» que começa à meia-noite. De súbito, senti uma vibração intensíssima. O marinheiro que pegava no leme e eu saltávamos sobre o chão, como se fôssemos de borracha.

O piloto do «Manuel Alfredo», João Manuel Cadaval Rocha, conta-nos a sua última viagem em que croçou o epicentro do violento sismo que sacudiu Lisboa. O navio partira da Madeira para Lisboa, depois de ter sido aliviado de uma parte da sua carga.

— Sobretudo, foi uma experiência intrigante Olhava para o meu companheiro e procurávamos, admirados, compreender a que se devia o incidente.

A vibração, rápida e muito acentuada, persistiu durante cerca de 30 segundos. O comandante Joaquim da Silva Oliveira correu para a ponte e, de repente, a máquina abrandou e chegou a parar. Como temos duas máquinas com uma só hélice, pensávamos tratar-se de uma avaria. Contudo, as máquinas não tinham parado em consequência do abalo sentido no navio. Só mais tarde o comandante e a tripulação obtiveram a explicação do facto: foi o terceiro maquinista quem, julgando tratar-se de um encaixe, fezera parar a máquina, depois de ter aguardado a ordem — que não chegou — para actuar.

## Uma hora à deriva

— Estivemos, então, cerca de uma hora, à deriva. O comandante mandou proceder a uma inspecção geral ao navio, que incluiu a sondagem de todos os tanques. Mas não detectámos nada de anormal. A hipótese mais provável era, então, a de que a vibração teria partido uma pá da hélice.

— Houve pânico entre os passageiros?

— Não, de maneira nenhuma. Alguns acordaram e deram-se conta da vibração; mas como logo a seguir sentiram as máquinas parar, pensaram tratar-se de qualquer avaria ou de uma manobra do navio.

— E a tripulação?

— A tripulação dorme junto às máquinas e está habituada a ser «embalada» pelo ruído destas. Por isso ficou um tanto perplexa quando, depois da vibração — cuja maior intensidade se verificou na ponte — deixou de ouvir o costumeado ruído que garante o funcionamento normal do navio.

— Não teve medo?

— Não, porque realmente nem me apercebi, no momento das causas do fenómeno. Procurava explicá-lo, mentalmente, pelo que conheço das características do navio, sem me lembrar da hipótese de um sismo. Contudo, verifiquei que, junto ao costado, a água saía em borbulhão, como se fervesse. Isso inquietou-me um pouco, tal como estranhei, depois, ver à superfície do mar uma espuma pouco vulgar, que parecia misturada com lodo.

no barco, se fosse mais carregado. Naquele momento apenas trazia 700 toneladas, depois de ter largado na Madeira cerca de duas mil.

E acrescenta:

— O comandante fez o habitual «protesto contra os mares e contra os ventos», que só é elaborado quando, como o nome sugere, a tripulação — e os homens — não podem nem devem ser responsabilizados por alguma anomalia verificada a bordo. Verifica-se que nos encontramos a 37° 16' Norte de latitude e a 11° 00' de longitude. Estávamos, portanto, a uma distância entre cinco e dez milhas (nove a dez quilómetros) do epicentro. Só cerca das seis horas da manhã de ontem passámos junto ao ponto exacto

onde foi localizado o epicentro.

— Sentiram o segundo sismo?

— Apenas uma ondulação um pouco mais violenta, mas sem vibração. O navio apanhava ondulação de través, mas não foi nada de comparável ao que sentíamos antes. Calcule, às três horas e quarenta e dois minutos até o mastro, que é de ferro, vibra como um vime. Mas as nuvens continuavam negras e, inesperadamente, a lua mudou de cor: ficou com uma estranha tonalidade amarelo-torrada.

## Um petroleiro dinamarquês no epicentro do sismo

Com toda a sua aparelhagem de comunicações desfeita, fundeu, perto da ponte Salazar, o petroleiro dinamarquês «Ida Knudsen», que foi apanhado no epicentro do abalo.

O petroleiro, que estivera em reparação nos estaleiros da Margueira, partira há dois dias para o seu destino, quando foi atingido pelo sismo. Todo o seu equipamento técnico de comunicações ficou de tal modo danificado que o navio se viu forçado a voltar para trás. Não se sabe, ainda, até que ponto o resto do navio ficou danificado, mas, no que respeita à aparelhagem de comunicações, os técnicos declararam já não haver qualquer possibilidade de reparação.

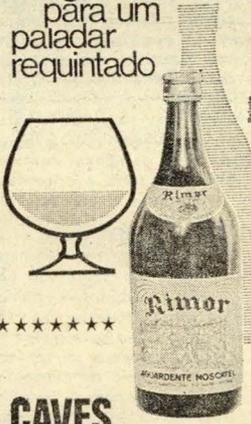
## O SISMO em Lourenço Marques

Segundo informa a Agência Lusitânia, o violento sismo da madrugada de ontem foi registado pela estação sismográfica de Lourenço Marques.

Entretanto, as notícias do tremor de terra na Metrópole causaram grande inquietação em Angola e Moçambique, onde os jornais e as estações de rádio divulgaram com muitos pormenores as informações recebidas de Lisboa.

**Rimor**  
AGUARDENTE MOSCATEL

um gosto doce para um paladar requintado



CAVES DOM TEODÓSIO  
RIO MAIOR PORTUGAL

nicos camarários inspecionaram o telhado.

Na rua da Barroca, ao Bairro Alto, encontra-se uma casa com uma fenda muito acentuada, de tal modo que se vê, através dela, o exterior. Vive, ali, a sr.<sup>a</sup> D. Oliva Moniz, com uma filha de 12 anos, Maria de Fátima. A fenda abriu-se no quarto de dormir de ambas o que, naturalmente, lhes causou um estado de pânico difícil de descrever. Sobre a cama, no momento do sismo, caiu, também, muita calça, que se desprendeu das paredes e do tecto.

Também no prédio da rua da Rosa, 162, o sismo causou estragos, fazendo ruir as chaminés do edifício. Na rua das Taipas, 7, uma chaminé abriu forte rombo no telhado. Os locatários do prédio, enquanto o senhorio não procede às reparações, mandaram colocar ali uma cobertura de lona.

## LAMPREIA

RECEBIDAS DIARIAMENTE DO RIO MINHO

Todos os dias, ao almoço e ao jantar, nos Restaurantes

## BESSA e GARRAFINHAS

Pratos do dia para hoje: Enopado de eirós e Favas à moda da casa

Pratos do dia para amanhã:

Sável do rio Minho com arroz de marisco e salada russa, Chispe e cabeça de porco à portuguesa e Frango na púcara.

Rua dos Douradores, 173 e 210  
Telefones: 322732 e 320869

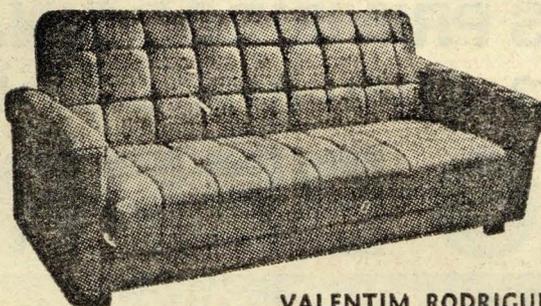
## «Protesto contra os mares...»

— Quando souberam do sismo?

— Foi às cinco horas e dez, pelo Rádio Clube Português. Então tudo ficou explicado... Também nos tínhamos lembrado, antes, que navegávamos numa zona próxima de uma «agulha», o que poderia reforçar a hipótese de encaixe. Contudo, a zona tem uma profundidade média de cerca de quatro quilómetros (cerca de duas mil braças).

O piloto do «Manuel Alfredo» explica-nos, então, que o sismo poderia ter provocado estragos de certa importância

## ESTOFOS, SOFÁS-CAMAS



VALENTIM RODRIGUES

av. defensores de chaves, 31-B e C — Lisboa  
Algarve — FERREIRAS — (Albufeira)

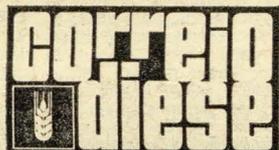
# COMUNICADO

J. PIMENTA, LDA.

e

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Comunicam para tranquilidade dos seus clientes e amigos de que após um rigoroso exame, feito pelos **Serviços Técnicos desta Organização**, os mesmos chegaram à conclusão de que os edifícios construídos por esta Organização não sofreram alterações de equilíbrio provocadas pelos recentes abalos sísmicos, nem nos mesmos se nota qualquer fissura.



Saiu já mais um número de CORREIO DIESE, que inclui assuntos de capital importância para a saúde da população portuguesa, entre os quais destacamos:

- O enfarte do miocárdio e suas consequências
- Fonte de vida e juventude
- As ervas adquirem prestígio
- Mel, produto de longevidade
- Quando a carne sobe
- Alimentação Racional nas cantinas
- Novo aliado e protector do coração
- Alimentação do trabalhador mental
- A saúde do seu filho e a vitamina C
- Atenção aos fachos
- Emagrecer alegremente...
- e com senso
- O frio e as frieiras
- Os perigos da radioactividade
- Falta de ferro nas mulheres
- Conseguir energia extra
- Como cozinhar melhor em menos tempo
- Alimentação da gente nova
- Vem aí outra gripe

Se está interessado em receber gratuitamente este número do CORREIO DIESE basta recortar o cupão anexo e enviá-lo à DIESE — Apartado 1382 — Lisboa-1

D. P.

Agradeço remetam, sem mais encargos para mim, o número do CORREIO DIESE, acima mencionado.

Nome .....

Morada .....

## SENSACIONAL

- Auto-rádios desde ..... 1.150\$00
- Tele-receptores desde ..... 3.900\$00
- Frigoríficos desde ..... 2.200\$00
- Rádios desde ..... 210\$00
- Máquinas de lavar desde ..... 4.700\$00
- A prazo, sem entrada e sem fiador, desde 100\$00 mensal

CASA M. FERREIRA

Trav. Henrique Cardoso, 22-A — LISBOA — Telef. 764914